



## APRESENTAÇÃO DA CAPA CAROLINA MARIA DE JESUS

Com o propósito de massificar informações sobre intelectualidades negras brasileiras a equipe de Edição de Arte propôs homenagear na capa das publicações dos números do ano de 2024 da Revista Em Favor de Igualdade Racial. Dessa maneira, selecionamos mulheres negras de campos diversificados.

A intelectual que ilustra a capa desse número é a escritora **Carolina Maria de Jesus**.



**Fonte:** Museu Afro Brasil

Nascida em 14 de março de 1917, na cidade de Sacramento, região rural de Minas Gerais. No ano de 1937 com a morte da mãe imigrou para São Paulo, morou na favela do Canindé, que ficava às margens do Rio Tietê na zona norte do estado, momento em que começaram a surgir as primeiras favelas na região. Carolina trabalhou na casa do cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini, onde era permitida ler os livros de sua biblioteca em suas folgas.

Ao mesmo tempo, para sustentar a família, a escritora trabalhava a noite coletando papel, alguns livros e cadernos que recolhia utilizava para ler e escrever. Teve 3 filhos que registrou e criou sozinha: João José, José Carlos e Vera.

Ganhou destaque no país com a publicação da obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, publicada pela primeira vez em 1960, este fora resultado dos diários que começou a escrever em 1955. Após a publicação do livro, que obteve



grande sucesso, alcançando 10 mil vendas de exemplares em apenas uma semana, adquiri certo capital e muda-se para um bairro de classe média, na zona norte de São Paulo, Parelheiros.

Lançou alguns livros após o sucesso de Quarto de Despejo, mas este continua sendo o mais popular. Após alguns anos os pagamentos dos direitos autorais ficavam cada vez mais escassos, não foram suficientes para sair da faixa de pobreza, passou a vender vegetais e legumes que produzia e continuou a catar papéis e garrafas. Pesquisadores afirmam que para a quantidade de livros vendidos, Carolina recebeu pouco retorno financeiro pela venda de seus livros.

A intelectual morreu aos 62 anos, em sua casa, vítima de uma crise de insuficiência respiratória, pois tinha asma e havia se agravado durante os anos. Até hoje sua obra reverbera, sua denúncia-obra ainda é a realidade de parte da população negra e pobre que mora em áreas periféricas esquecidas pelo poder público.

Assim, gostaríamos de finalizar esta apresentação com uma frase de Carolina que sempre nos faz perder o folego e refletir sobre nossa sociedade: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora, aquele que passa fome aprende a pensar no próximo”.

**Profa. Ma. Andressa Queiroz da Silva**

Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes do Acre (SEE/AC)  
Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac)  
Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac)